

**MÁFIA DA LOTERIA  
CONFISSES  
DE UM SUBORNADOR**

N.º 797 30/AGOSTO/85 Cr\$ 7 000



# PLACAR

## DESTA VEZ A ITÁLIA PERDEU

**Falcão no São Paulo**



**Éder em Limeira**



**Sócrates  
voltando**

**Zico no  
Campeonato  
Carioca**



**NOVAS COLUNAS**

**JUCA KFOURI**

**DE PRIMEIRA**

AS INFORMAÇÕES  
MAIS QUENTES  
DO ESPORTE

**SUPERTABELA  
TAÇA GUANABARA  
POSTERS  
FALCÃO E  
ÉDER**

ACRE, A GOÁS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MATANZAR, MATO GROSSO, PARA, PARAÍBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE: Cr\$ 9 500 - 0563

# “Meu destino era mesmo o São Paulo”

Por pura coincidência ou por repetidos caprichos da sorte, o São Paulo cruzou tantas vezes o caminho de Falcão que parecia estar escrito: um dia, esse casamento tinha de sair

**N**a segunda-feira da semana passada, enquanto Paulo Roberto Falcão e seu procurador Cristóvão Colombo negociavam na capital paulista o contrato com o São Paulo, a casa do jogador em Porto Alegre vivia momentos de dramaticidade. Ilza, a irmã mais velha de Falcão, acendeu dez velas para Santo Antônio e Nossa Senhora do Caravaggio. Ao entrar com sua esposa italiana, Roberto Moure, o Pato, querido amigo da família, se espantou: “Saravá, minha irmã!” Sem entender nada de futebol, Ilza torcia para que o irmão acertasse com o São Paulo para finalmente ficar perto de dona Azize. “Afim, a mãe é de todos”, justificava ela. No fim da tarde, Pedro, o outro irmão, que acompanhava as negociações em cima, telefonou de São Paulo e deixou mãe e irmã em desespero: “É, acho que o destino é Florença”.

Poucos minutos depois, uma reviravolta. E Falcão selou seu acerto com o tricolor. Mas não perdeu a oportunidade de fazer suspense. Telefonou e falou, com a naturalidade de quem tivesse tratado sobre a escolha entre uma gravata listrada e uma *petit-pois*: “Querem saber para onde eu vou? Vejam o jornal das 8”.

Na realidade, Falcão represava sua imensa felicidade por voltar ao Brasil e, mais particularmente, a alegria de jogar no São Paulo. É o seu temperamento e o seu estilo. Nos dias seguintes, porém, já menos contido, ele falou sobre seu futuro no time, os dramas por que passou e o fu-



Falcão: “Dizem que o São Paulo corre muito. Ótimo”

tebol em geral. Na quarta-feira à noite, ele voou para Roma com sete malas vazias. Ia buscar suas roupas que ficaram no apartamento da Via Alfredo Fusca, no bairro Balduina, na capital italiana. Antes, na mansão de quatro salas e seis suítes na Vila Assunção, em Porto Alegre, admitiu ao repórter Divino Fonseca, de PLACAR: “Meu destino era mesmo vir para o São Paulo”.

**PLACAR** — Então era coisa do destino?

**FALCÃO** — Depois que assinei o contrato, um torcedor corintiano se chegou a mim e admitiu: “Falcão, no Brasil só tinha um clube para você: o São Paulo”. Na verdade, foi o clube que primeiro se interessou, ainda em 1982, e ninguém

desconhece que possui uma estrutura formidável.

**PLACAR** — Onde, então, entra o destino?

**FALCÃO** — Falo nas coincidências. Veja você, desde que fui para a Itália o São Paulo foi o clube com que mais estive em contato. No ano passado, jogou contra a Roma na Itália e, depois, no Morumbi. Na Itália ficou no mesmo hotel em que estávamos hospedados na fase de pré-temporada e fiz um belo ambiente com os jogadores e o técnico Cilinho. Com Cilinho, certo dia, tive uma longa conversa sobre esquemas táticos e estilos do futebol. Este ano, vou fazer o tratamento na clínica de Nivaldo Baldo, em Campinas, e descobri o quê? Que o pai de Cilinho mora na casa ao lado. Conversávamos bastante. Parece ou não parece coisa do destino?

**PLACAR** — A torcida do São Paulo, ou melhor, o Brasil inteiro está louco para vê-lo em campo. Quando isso irá acontecer?

**FALCÃO** — Minha última partida a valer foi no dia 14 de junho, 1 x 1 contra o Ajax, da Holanda, em Roma. Depois daquilo, só o jogo da volta de Zico, algumas peladas em Porto Alegre, algumas partidas de tênis. Acho que vou precisar de quatro semanas para estar em perfeitas condições físicas e técnicas outra vez.

**PLACAR** — Tanto tempo assim? Mas vo- ▷

*cê não treinava 3 horas por dia em sua casa?*

**FALCÃO** — Às vezes até 4 horas por dia. Mas adiantou pouca coisa porque eu não estava legal. O corpo estava aqui, dando duro, mas a cabeça estava em Roma, à espera da sentença da Justiça esportiva italiana, que afinal me foi desfavorável. Foi um stress terrível. De modo que vou falar com a comissão técnica do São Paulo e negociar este prazo.

**PLACAR** — *E esse joelho, Falcão?*

**FALCÃO** — Está inteiro, perfeito. Mas vou confessar uma coisa. Durante o auge daquelas especulações todas, a Roma duvidando ou fingindo que duvidava que eu estivesse bom, eu me senti tão abalado que também passei a ter dúvidas. Entende? Tanto que, quando estava negociando com a Fiorentina, falei para o presidente Ranieri Pontello: “Se nós acertamos, e se por acaso surgir algum problema com meu joelho, eu devolvo todo o dinheiro ao clube e vou-me embora”. Pontello sentiu o meu estado e respondeu: “O que é isso, Paulo? Eu confio em você, tenho absoluta certeza de que você está curado, esqueça essa parte”. Era a minha cabeça. Hoje, porém, com todas as coisas definidas, eu me sinto como no dia em que Jimmy Andrews, o médico americano que me operou, fez o exame final e me considerou apto.

**PLACAR** — *O que pesou mais em sua decisão de jogar no São Paulo?*

**FALCÃO** — Financeiramente, a proposta da Fiorentina era melhor. Mas três fatores pesaram. Em primeiro lugar, era difícil para mim voltar a jogar por outro clube que não a Roma, logo após aquela briga toda. A torcida da Roma me apoiou muito, principalmente logo após a minha chegada, e, com sinceridade, eu não me sentiria bem ao jogar contra ela. Em segundo lugar, estamos num período de preparação para a Copa e eu gostaria de vivê-lo desde o início. Por fim, também a possibilidade de ficar perto dos negócios de minha griffe influiu.

**PLACAR** — *Como você se antevê no time do São Paulo?*

**FALCÃO** — Todos me falam bem da equipe. Dizem que corre muito, né? Então, ótimo, vamos casar bem. Mas, maiores detalhes, vamos deixar com Cilinho. Por enquanto, posso dizer que estou muito

bem ambientado às pessoas. Conheço Oscar e Careca da Seleção, Gilmar do Inter, Dário Pereyra, Nelsinho, Márcio Araújo e Pita de papos por aí. Só falta conhecer melhor os mais jovens.

**PLACAR** — *Você, por enquanto, está sendo escalado de volante. Significa que teria de jogar mais preso. Como seria isso para um maestro como você, que gosta de circular pelo campo?*

**FALCÃO** — Acho que não haveria problema. Nas primeiras três temporadas na Roma, com o sueco Nils Liedholm de técnico, de fato eu atuei como segundo homem de meio-campo, com mais liberdade para subir. Mas, nessa última temporada, com outro sueco, Sven Eriksson, eu era o volante. Cerezo é quem jogava mais solto. Na própria Seleção de Telê, Cerezo subia mais do que eu, lembra?

## “A proposta da Fiorentina era melhor. Mas eu não me sentiria bem ao jogar contra a Roma”

**PLACAR** — *Mas, e o prazer de jogar, não fica diminuído?*

**FALCÃO** — Você, que me conhece desde o início de minha carreira, recorda que, no Inter, eu comecei como volante. E eu sentia um prazer enorme em jogar ali na frente da zaga, mais contido, distribuindo o jogo.

**PLACAR** — *Resumindo, você jogará como vinha jogando ultimamente?*

**FALCÃO** — Se Cilinho me confirmar como volante, sim. No ano passado, em Roma — veja outra coincidência, acho que no mesmo dia de agosto em que assinei com o São Paulo —, eu e Cilinho falávamos exatamente sobre como o meio-campo funciona diferente no Brasil e na Itália. Não o volante, mas os meias. Lá, os meias quase não penetram porque é difícil furar o bloqueio pelo centro da área. Preferem fi-

car marcando no meio-campo, subindo apenas esporadicamente. Comentava com Cilinho que Roma x São Paulo, 2 x 2, tinha sido um bom jogo porque a Roma era uma equipe abasileirada, que jogava em sanfona, como o São Paulo.

**PLACAR** — *Mas é difícil pensar no Falcão do São Paulo, ali, preso, sem carimbar todas as bolas.*

**FALCÃO** — *(um tanto contrariado)* Se quando fui para a Roma, com todo aquele carisma que cerca o jogador brasileiro, eu não fiz isso, não faria agora. Sempre joguei em função do time. Sou dos que acreditam que um time cresce parelho, todos os jogadores juntos, ou não cresce. O conjunto vem em primeiro lugar. Foi assim comigo na Roma, que estava começando a crescer quando eu cheguei, e será igual no São Paulo. Penso assim: se consegui me adaptar ao futebol italiano, muito mais fácil será me readaptar ao futebol brasileiro e, especificamente, às condições que o time do São Paulo me propuser.

**PLACAR** — *Teremos um Falcão diferente daquele que partiu em 1980?*

**FALCÃO** — Olha, o passar dos anos já te modifica ao natural. E a necessidade de adaptação às condições adversas, os sacrifícios, as dificuldades, tudo isso acaba te amadurecendo bastante. Eu posso dizer que matei minha curiosidade. Passei cinco anos fantásticos de minha vida, foi uma vivência fabulosa. Aquele negócio de tocar para ver se é verdade, entende? Por exemplo, você ter de enfrentar a lendária velocidade europeia, um negócio que funciona na cabeça do jogador brasileiro como um fantasma, e que eu enfrentei do lado de dentro.

**PLACAR** — *Foi fácil?*

**FALCÃO** — Eu pensava que todos os times atuavam como a Seleção Italiana de 1978, uma bela Seleção, que marcava por pressão. Mas, ao chegar lá, vi que não era nada daquilo. Os times jogavam recuados e só avançavam em contra-ataque. Eu me adaptei, como disse, porque me empenhei ao máximo em servir ao conjunto.

**PLACAR** — *A presença maciça de estrangeiros não modificou o panorama?* ▷

**FALCÃO** — Em parte. A presença deles em maior número criou um clima de festa, muita euforia entre as torcidas, e os times se animaram a sair mais à procura do gol, até porque a maioria dos estrangeiros é de atacantes. Mas, no essencial, as equipes permaneceram fiéis a sua filosofia, que é cuidar primeiro de não tomar gol. Cerezo, que foi para lá já em 1983, sentiu isso.

**PLACAR** — O que houve com ele?

**FALCÃO** — Em seu primeiro ano, Cerezo correu muito e concluiu que, no final das contas, tinha rendido pouco. No segundo ano, ao contrário, ele correu menos, cansou menos e foi o melhor do time. Por quê? Ele percebeu que não adianta um meio-campista que joga na Itália correr o campo todo em busca das brechas. Não adianta. A defesa não sai. É um futebol de zonas estanques.

**“Sou admirador da objetividade do futebol italiano. É raro um jogador dar o toque a mais”**

**PLACAR** — Mesmo assim você gosta, não?

**FALCÃO** — Eu gosto é de certos jogadores italianos. Tardelli (*meio-campista da Internazionale*), para mim, é o mais completo deles. Defende, arma e conclui com a mesma eficácia. Admiro também Scirea, (*líbero da Juventus*), Cabrini (*lateral-esquerdo da*

*Juventus*), Conti (*ponta da Roma*) e Vierchowod (*zagueiro-central da Sampdoria*). Mas devo reconhecer que sou admirador da objetividade do futebol de lá. O jogador tem consciência das dificuldades, então é objetivo. É raro aparecer um que dá o toque a mais.

**PLACAR** — Você abandona a Itália de vez?

**FALCÃO** — Nunca! Em abril, pretendo sondar o mercado italiano e, se for o caso, negociar minha volta para algum clube de lá. O São Paulo já está avisado. Fiquei gostando muito da Itália. E, depois, é um país que casa bem com o tipo de negócio que desenvolvo, pois o talento em matéria de moda masculina está lá. Pretendo comprar uma casa em Roma e, quando parar de jogar, passar todo ano uma temporada no país.



## Chora, Itália

A perda de Falcão vem sendo sentida com muita emoção na Itália. Uma prova disso são as oito páginas que lhe dedicou a mais importante revista esportiva italiana, o *Guerin Sportivo*, de Bolonha, na edição de 14 a 20 de agosto. A revista traz uma retrospectiva da carreira do craque, “do frio de Porto Alegre ao sol romano”, detendo-se o texto, é claro, no ponto mais alto de Falcão na Itália: a conquista do campeonato de 1983 pela Roma, que não ganhava o título desde 1942. Sobre ele, na época — lembra a reportagem —, disse o então técnico romanista Nils Liedholm: “Com Falcão adquirimos uma mentalidade de vencedores (...). No futebol, nunca houve, e talvez nunca haja, um jogador tão inteligente como o nosso maestro brasileiro”.



Fotos que ilustram a reportagem: a última à direita é da comemoração do título de 1983



# A griffe do Morumbi

Ao optar pelo tricolor, o supercraque realiza um de seus lances mais brilhantes — trocar os gramados pelo campo milionário da moda masculina

**Desta vez, a Itália perdeu**

Instalada num salão de 200 m<sup>2</sup> na Rua Oscar Freire, no coração dos Jardins, a mais badalada região de São Paulo, onde desfilam em primeira mão todas as modas da cidade, a sede da griffe Paulo Roberto Falcão fornece bons indícios da personalidade de seu proprietário. Trata-se de um ambiente discreto, sobriamente elegante, no qual predominam três cores — o preto, o branco e o vermelho —, cuja combinação, quando não é bem dosada, pode ultrapassar as fronteiras do bom gosto. Essas cores, por acaso as mesmas de seu novo clube, o São Paulo, compõem o logotipo da griffe Falcão. Ali, naturalmente, estão equilibradas de maneira harmoniosa, conferindo ao lugar um estilo semelhante ao que consagrou o ex-rei de Roma nos gramados.

Elegância, sobriedade, equilíbrio — eis aí características que o torcedor se habituou a associar à imagem de Paulo Roberto Falcão. Aos 31 anos, solteiro, de volta ao Brasil após uma muitíssima bem-sucedida temporada de cinco anos na Roma, da Itália, Falcão prepara-se para exibir mais uma vez nos estádios do país seu exuberante talento. É longe dos campos de futebol, porém, que ensaia sua mais brilhante jo-



*Falcão: disposto a consolidar sua griffe, que tem as mesmas cores do São Paulo*



## “Meus modelos procuram valorizar o corpo do homem”

gada no momento: consolidar no mercado nacional o nome de sua griffe de roupas masculinas. Sim, Falcão é mesmo uma exceção: ao contrário da imensa maioria de seus colegas de profissão, o craque não só já sabe perfeitamente o que fazer quando largar o futebol, como também talvez esteja aproveitando seu último contrato como jogador para se estabelecer paralelamente em sua atividade futura.

Foi a moda o principal fator a pesar na decisão de Falcão de retornar ao futebol brasileiro. Dinheiro, certamente, não foi. Ao aceitar a proposta do São Paulo — 500 000 dólares por um contrato de 13 meses —, Falcão simplesmente abriu mão de uma quantia três vezes maior que lhe foi oferecida pela Fiorentina, de Florença. A diferença entre as duas ofertas é respeitável: cerca de 6 bilhões de cruzeiros. Há explicações para esse gesto. Antes, ao ter seu contrato rompido com a Roma, já sofrera um prejuízo de 13,5 bilhões. Com sua marca, Falcão espera encontrar compensação suficiente para a perda de agora. O mercado da moda masculina no Brasil é, de fato, um filão promissor. Assim, em 1984, a indústria têxtil masculina, da qual São Paulo é a capital nacional, exportou cerca de 250 milhões de dólares e apresentou um crescimento 3% superior ao do ano anterior.

Falcão incorporou seu nome ao exclusivo clube das griffes elegantes no início deste ano, com o lançamento, realizado no luxuoso hotel Maksoud Plaza, de São Paulo, de sua coleção de inverno — um investimento de 2 bilhões de cruzeiros.



SERGIO BEREZOVSKY

**O gerente Pedro França, com peças da linha Falcão: “Ele é perfeccionista”**

Antes de entrar nesse campo, Falcão, fiel a um ensinamento que sempre observou no futebol, preparou-se com afinco. Selecionou pessoalmente as 20 fábricas que produzirão os produtos de sua griffe e escolheu com cuidado as 200 lojas e butiques que venderão com

exclusividade sua marca — além de roupas, a linha inclui sapatos, pastas, cintos e apetrechos esportivos.

Ao contrário do que fez nos gramados, Falcão não pretende inovar nas passarelas — as peças de sua coleção de inverno, por exemplo, são inspiradas no talento de estilistas italianos como Valentino, Armani, Versatí e Gianfranco Ferri, amigos pessoais que conquistou em Roma. “Procuro captar modelos que valorizam o corpo do homem e traduzem sua personalidade”, diz Falcão, que demonstra preocupação em adaptar seus produtos ao clima e hábitos do Brasil. Sua linha de verão, desse modo, apresentará dezenas de modelos esportivos, incluindo calções, maiôs, camisetas — e chuteiras, é claro.

### PREÇOS SALGADOS

As peças assinadas por Falcão têm padrões clássicos, corte sóbrio e cores discretas, nas quais prevalecem os tons neutros, sobretudo o marrom e o azul-escuro. “Toda a linha segue meu gosto pessoal”, resume o craque, que nunca deixa escapar a oportunidade de comparecer a desfiles e está sempre

**O irmão Pedro: “Só queria bolas e roupas”**



SERGIO BEREZOVSKY

abastecido com as últimas revistas de moda masculina. Falcão é rigoroso quando se trata de qualidade. "Ele é um perfeccionista", diz Pedro França, gerente geral da griffe. "Faz questão de examinar pessoalmente todas as peças da linha. Muitas vezes, pequenos detalhes, defeitos quase imperceptíveis, são suficientes para que ele veto o produto."

Tanto rigor custa caro — os preços da griffe inscrevem-se entre os mais salgados das vitrines. Por isso, uma camisa pólo não sai por menos de 200 000 cruzeiros. Uma calça jeans, 300 000. O brasileiro que pretender se vestir da cabeça aos pés com roupas assinadas pela mais nova estrela do São Paulo deve estar preparado para desembolsar com generosidade: camisa, calça social, gravata, cinto, calça, paletó e sapatos o levarão a uma conta de 2,4 milhões de cruzeiros.

### ANO AZARADO

Apesar dos preços, a griffe Falcão já ouriça alguns concorrentes. A estilista Olga de Almeida Prado, da confecção Tweed, uma das mais conceituadas de São Paulo, garante que, mesmo sem conhecê-los, respeita os artigos que levam o nome do craque. "Ele é uma pessoa extremamente elegante", admite Olga. "Se sua coleção for parecida com seus passes geniais e dribles desconcertantes, só pode ser de primeira." O carioca Luís de Freitas, da confecção Mr. Wonderful, um dos estilistas preferidos de Falcão, também reserva palavras de elogio ao novo rival. "Falcão vai prestar um grande serviço aos homens brasileiros com sua elegância."

A inclinação de Falcão pela moda não é recente. "Desde criança, ele sempre teve duas paixões: o futebol e a elegância", recorda o irmão de Falcão, Pedro, que hoje administra os negócios do jogador. "Ele não aceitava brinquedos comuns, como carrinhos ou soldadinhos. Queria bolas ou roupas. Talvez seja por essa mania de andar sempre alinhado que muita gente põe em dúvida sua masculinidade", arrisca Pedro. "Mas

isso só acontece com gente famosa."

O desempenho de Falcão no ramo da confecção certamente o levará a continuar convivendo com um antigo companheiro: o sucesso. Apenas temporariamente o sucesso e Paulo Roberto Falcão não andaram juntos. Foi em 1984 — um ano decididamente azarado para esse catarinense de Abelardo Luz, que se criou em Porto Alegre e iniciou sua carreira no futebol ainda na escolinha do Internacional. Em 1984, uma antiga contusão no joelho obrigou-o a permanecer fora da equipe da Roma 23 das 27 partidas disputadas pelo clube. Em dezembro, as dores se tornaram insuportáveis e Falcão teve de ser operado.

Seus problemas se agravaram quando se decidiu submeter à cirurgia nos Estados Unidos e cumprir o período de recuperação no Brasil — o presidente da Roma, senador Dino Viola, estra-

nhou esse comportamento. Teve início então uma disputa entre Viola e Falcão — e o final, nos tribunais italianos, determinou, em julho, a rescisão do contrato do jogador com a Roma. Mais uma vez, a praga de Sarriá abateu-se com vigor sobre um dos cardeais da Seleção Brasileira de 1982.

De todos eles, porém, Falcão parece ser dos menos atingidos pela praga: está recuperado da contusão no joelho, viveu um final feliz no antigo namoro com o São Paulo e sua griffe revela-se uma rendosa ocupação. Reconciliado com o sucesso, Falcão agora procura um apartamento na região dos Jardins, onde deverá morar com a mãe, dona Aziize, e poderá, a bordo de seu BMW cinza-chumbo, adquirido na Itália por 60 000 dólares, acompanhar de perto seus negócios no mundo da moda masculina. À vontade em seu novo papel, o elegante Falcão não faz concessões. Para frustração dos dirigentes tricolores, evitou na semana passada um dos mais tradicionais costumes do futebol — envergar, na hora da assinatura do contrato, a camisa de seu novo clube. "Que falta de imaginação", cochichou para o irmão Pedro. "Que falta de finesse!"

João de Barros



Freitas: "Contribuição à elegância"

FERNANDO PIMENTEL

Olga, da Tweed: respeito ao novo concorrente



CARLOS FENERICH

# **PLACAR**

---

**Paulo Roberto Falcão**  
**São Paulo F.C.**



**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO**  
**JOÃO FARAH**  
**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**